

notas sobre o  
coronavírus e a  
sobrevivência  
das espécies

Evando Nascimento

*À memória de Marguerite Derrida,  
vitimada recentemente pela pandemia,  
com toda minha afeição e agradecimento.*

Na segunda semana de março, provavelmente fui infectado pelo coronavírus e tive Covid-19. Digo "provavelmente" porque a médica que me atendeu no pronto-socorro particular não me permitiu fazer o teste, pois o governo somente autoriza se o paciente estiver com falta de ar e/ou pneumonia. Tive vários sintomas ligados à enfermidade, tais como extremo cansaço, que me fez tomar uma queda, febre, dores musculares, espirros, irritação na garganta, perda de apetite - estes dois últimos muito raramente ocorreram em minha vida. Me recolhi, tomei medicamentos e vitaminas, me alimentei bem, repousei e depois de alguns dias estava recuperado. Devo ter desenvolvido uma forma branda da doença. Dei um testemunho sobre esse episódio na revista *Piauí* deste mês de abril. Concluí o texto fazendo uma reflexão sobre a pandemia, que gostaria de retomar aqui.

Há várias hipóteses sobre as origens desse vírus. Segundo as teorias conspiratórias, ele teria sido criado em laboratório pelos chineses, a fim de causar pane na economia mundial e sair da crise como uma espécie de salvadora da humanidade, uma vez que detém os melhores recursos para tratamento. Todavia, as pesquisas científicas mais sérias apontam para morcegos como portadores de vírus assemelhados, que teriam sido transmitidos para os humanos. O coronavírus seria, portanto, resultado de uma mutação virótica de origem animal. Isso poderia ter ocorrido diretamente, por ingestão dos próprios quirópteros, ou indiretamente, passando pelo pangolim como intermediário. Eu já havia lido sobre esse pequeno

e delicado animal muito antes da pandemia. Pelo fato de suas escamas serem supostamente dotadas de propriedades medicinais, o pangolim é bastante traficado ilegalmente na China e em países vizinhos, correndo o risco de extinção. Tanto ele quanto os morcegos fazem parte do cardápio de algumas populações em países asiáticos. Não gostaria de criar uma moralidade sobre o que se deve ou não comer. Todo julgamento moral a priori deve ser suspenso no contexto atual, em nome de uma ética efetiva em relação a esse acontecimento que paralisou quase todo o planeta, como nenhuma revolução ou guerra tinha até então conseguido.

Mas este não é um ensaio, nem muito menos um estudo completo. Por sua brevidade, preferi nomeá-lo como "notas". Para continuar minhas anotações, preciso explicar em que perspectiva elas se inserem. Desde 2000, quando publiquei o ensaio "O inumano hoje", na revista *Gragotá*, da Universidade Federal Fluminense, em diálogo com textos de Jean-François Lyotard, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Friedrich Nietzsche e Clarice Lispector, venho escrevendo artigos e livros em torno do que inicialmente chamei de "o inumano" e que hoje nomeio como "o não humano". Trata-se de pensar o impensado, e até mesmo o impensável, nas *civilizações ocidentais* (há mais de uma, ao contrário do que diz e repete certa doxa moderna). E o que seria tal impensado ou impensável, que somente há algumas décadas começou a ser abordado numa visão inovadora? A relação efetiva do humano com outros viventes não humanos. Aquele artigo seminal já abordava a questão dos animais, tomando como exemplo as finas reflexões que se pode depreender da ficção de Clarice Lispector, cujo centenário se comemora este ano. Em 2012, publiquei um livro que resumia a trajetória até aquele momento: *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (Civilização Brasileira), no qual, aos

pensadores citados, vinham se agregar Emmanuel Levinas e Martin Heidegger. Ali expunha todo um universo clariciano do não humano: animais, plantas e coisas. No entanto esclareço: o não humano, longe de ser o oposto do humano, entretetece com este mais de uma relação por assim dizer genética e genealógica. "O que é humano" (se essa pergunta metafísica ainda faz sentido) só pode ser pensado na conexão com seus vizinhos imediatos: os outros viventes, como também os não viventes, que são os objetos, as coisas, as máquinas (estas constituíram todo um universo reflexivo até o final da década de 2010, consistindo no que se chamou então de "pós-humano", categoria importante porém distinta do que me interessa hoje). Não há uma essência do humano pura, separada do que se considera como o resto do mundo.

Mais recentemente, a partir de 2017, sistematizei um estudo em torno da *questão vegetal*. Não por acaso, apenas recentemente as plantas têm sido pesquisadas extensamente por diversas áreas além da botânica: biologia em geral, filosofia, literatura, artes, história, fotografia, cinema, estudos descoloniais, antropologia. À diferença dos animais, que já há algumas décadas têm seu estatuto existencial redimensionado numa visada contemporânea, as plantas permaneceram como uma espécie de prima pobre dos humanos, ou nem isso, já que não conseguimos nunca entender a relação desses "seres imóveis" com os "seres pensantes" que somos. A suposta imobilidade vegetal é o preconceito fundamental e fundante do rebaixamento das plantas em relação aos viventes animais em geral e aos viventes humanos em particular.

Ora concluo um livro que se intitula justamente *O pensamento vegetal*, em que dialogo com aqueles autores já citados e mais uma série de cientistas e filósofos que, neste momento mesmo, buscam deslocar os vegetais de seu estágio "vegetativo" (toda uma epopeia negativa se esconde por trás



desse adjetivo), relacionando-os também a uma política de descolonização: entre eles, Anthony Trewavas, Emmanuel Coccia, Stefano Mancuso, Francis Hillé, Donna Haraway, Walter Mignolo e Bruno Latour. Artistas e escritores como Clarice Lispector (a qual continua sendo referência fundamental para a reflexão que elaboro), Franz Krajcberg, Burle Marx e diversos outros ajudam a impulsionar o amor por esses vivos diferenciados, ao mesmo tempo muito estranhos e familiares (*unheimlich*): as plantas.

Voltemos então à Covid-19. Caso a hipótese acima levantada se confirme, quanto à origem do vírus direta ou indiretamente ligada aos morcegos, é preciso repensar urgentemente nossa relação com os outros vivos, animais e vegetais, nossos tão desrespeitados não humanos.

A temática ambiental está no cerne do problema; e mesmo que a causa da pandemia se revele outra, essa questão é incontornável. Uso com muitas aspas o termo "meio ambiente", porque dá uma ideia equivocada de algo que nos circunda e que permanece externo a nós. Não há meio ambiente sem os corpos que o habitam, fazendo dele seu verdadeiro habitat. Em contrapartida, nenhum corpo é completamente individual, fechado e separado do mundo ao redor. Nosso entorno é feito por nós e, ao mesmo tempo, se nos afeiçoa. Essa é a razão pela qual estamos indo rumo a uma catástrofe: construímos um novo mundo-ambiente (em alemão, a palavra para meio ambiente é *Umwelt*, literalmente, o mundo em volta) altamente destrutivo para as outras espécies e conseqüentemente para nós mesmos.

O humano, ao longo de sua história (curtíssima em termos planetários e cósmicos), se tornou um predador universal. Todas as outras espécies têm um número mais ou menos fixo de presas, com as quais se alimentam. Os tubarões, por exemplo, quando abocanham um indivíduo humano, podem até matá-lo, com a força de sua mordida, mas

difícilmente o comem, porque não o reconhecem pelo paladar como parte de seu cardápio específico. São bem mais exigentes do que qualquer um de nós... Termos um número infinito de presas à disposição foi até certo ponto uma vantagem para nossa espécie. O problema é que, com o aumento exponencial da população humana, e sobretudo com a característica descontroladamente predatória do capitalismo global iniciado com a invasão das Américas, essa vantagem acabou se revertendo no contrário. Em vez de estabelecermos uma sensibilidade e uma racionalidade mínimas sobre os modos de comer e os alimentos que podemos ingerir, passamos a produzir comida em escala industrial, sem nenhum respeito pela história de cada espécie, nem muito menos pelo que pode acontecer no chamado meio ambiente, que, como disse, é muito mais do que um "meio", pois esse "ambiente" penetra nossos corpos todo o tempo, por todos os buracos e fendas possíveis. Não satisfeitos com essa depredação de todos os espaços em que ocorrem extrativismo e cultivo, em algumas sociedades (e não somente as da Ásia, sublinho) continuamos a maltratar espécies ditas selvagens (todas o são na origem), sem o mínimo critério de atenção pelas vidas não humanas. Tudo isso se acrescenta ao impulso profundamente explorador e guerreiro contra indivíduos de nossa própria espécie.

O modo como eram empilhados os animais selvagens no Mercado de Wuhan (que foi fechado depois da pandemia, mas cujos riscos já tinham sido denunciados muito antes) em nada difere de nossos criadouros, abatedouros e açougues, nos quais mamíferos e aves são criados e sacrificados de forma extremamente cruel. Também nesse aspecto, a divisão entre Ocidente e Oriente é meramente imaginária. "Lá" como "aqui" (lugares potencialmente fictícios), grande parte da civilização se ergue sobre os escombros da barbárie.

Repito o que disse no início: não se deve criar uma moralidade apriorística a respeito da predação das outras espécies pelos humanos, mas há sim que se reavaliar urgentemente o modo como tratamos e maltratamos as espécies irmãs, sejam elas animais ou vegetais. O líder indígena Ailton Krenak, para mim um dos maiores pensadores da atualidade, disse recentemente uma frase que resume grande parte de minhas (e de nossas) inquietações: "Somos piores que a Covid-19". Com certeza, somos mais destrutivos, porque nos autodestruímos ao estabelecer uma relação violentamente predatória com nossa vizinhança, os outros vivos; isso tudo correlacionado à política contumaz de extermínio dos próprios humanos subalternizados. Esquecemos, inclusive, que uma parte desses simples vivos habitam nossos corpos, como as bactérias e os nefandos vírus...

Alguns cientistas falaram da necessidade de não se politizar a pandemia. Isso se deveu ao fato de que, em todos os países concernidos pelo surto pandêmico, os governos e as oposições se engajaram em debates fortemente polêmicos. As discussões de maior visibilidade envolveram governantes com perfil de extrema-direita, como o despresidente Jair Bolsonaro, o norte-americano Donald Trump e o britânico Boris Johnson. Desses três, apenas o primeiro continua sendo um renitente negacionista. Os dois últimos, depois da negação inicial, se deram conta da gravidade do problema e implementaram medidas de contenção e tratamento - com o detalhe de que Johnson adoeceu, chegou a estar em UTI e depois recebeu alta.

A questão é que esta, como qualquer outra epidemia ou pandemia, é eminentemente política, pois envolve a saúde da pólis e não apenas de alguns cidadãos individualmente. A pólis, referente ao que na Grécia Antiga se assemelhava a nossas cidades atuais, correspondia a um verdadeiro Estado, daí a designação histórica

como cidade-estado. Nossos estados nacionais são pólis expandidas, formadas por um conjunto mais ou menos orgânico de diversas pólis menores. Com o início da chamada globalização, na passagem da década de 1980 para a de 1990, chegou-se a sonhar com uma só Nação, que corresponderia à "aldeia global" (*global village*), fomentada nos anos 1960 por Marshal McLuhan. Infelizmente a metáfora da aldeia nesse caso em nada se aparenta às aldeias indígenas, que são comunidades com grande senso de solidariedade. Em inglês, *village* seria mais nossa vila ou vilarejo; de qualquer modo, tal como aldeia, esse vocábulo também remete à ideia de uma pequena comunidade com forte interação social.

É difícil encontrar uma metáfora adequada para o mundo globalizado, no qual retornaram, com toda a violência, as políticas coloniais que se pensou estarem ultrapassadas. A pólis mundial, se ela de fato existe, virou uma *Cosmópolis* (título de um importante romance de Don DeLillo) profundamente enferma, por conta de suas próprias ações auto e alterdestrutivas. Tornou-se de fato uma grande *Necrópole* - para utilizar o termo bastante definidor, proposto por Achille Mbembe, inspirado na reflexão biopolítica de Michel Foucault -, onde os governos se encarregam de decidir quais vidas merecem ou não serem preservadas, e quais devem ser sacrificadas. É justamente isso que foi dito num vídeo antigo pelo "novo" Ministro da Saúde Nelson Teich: entre dois enfermos, um jovem e uma pessoa idosa, se for necessário escolher em qual se deve investir para continuar a viver, a "opção" não deixa dúvidas...

Nada tenho contra as tecnologias, novas ou antigas. Porque acredito que, desde que o humano pegou um fragmento de sílex e o amarrou a um pedaço de madeira, fabricando um machado, ou mesmo antes disso, havia uma técnica envolvida. O que chamamos candidamente de Natureza, em oposição a Cultura, é cheia de artifícios. Os pássaros, os



roedores e as abelhas, por exemplo, são grandes arquitetos, engenheiros e construtores. As flores criam todo tipo de ornamento e lançam seus refinados perfumes no ar, além de fabricar o néctar, a fim de atrair polinizadores. De modo que a oposição artificial / natural é ela mesma muito "artificial", o adjetivo agora no sentido de ilusória. Razão pela qual desde meu primeiro livro de ficção, o *Retrato desnatural* (Record), utilizo outro adjetivo para marcar a inconsistência das fronteiras opositivas: *des-natural*.

O problema é que, no mundo hipertecnológico em que vivemos a multiplicação dos dispositivos nem sempre significou uma conquista benéfica. Por vezes tenho a impressão de que os aparelhos ditos *smart* são de fato mais "espertos" do que seus usuários. Vivemos no apogeu do que Deleuze chamou de *sociedade de controle*, um passo além em relação às sociedades disciplinares e dois em relação às de soberania, mapeadas por Foucault, em que a vigilância individual pode ser realizada perfeitamente à distância, de modo não presencial. Literalmente, por controle remoto.

Não há que ser romanticamente tecnofóbico, sonhando com uma civilização de volta à vida rural, longe do turbilhão das urbes. Penso somente que é indispensável utilizar as tecnologias a nosso favor. Celulares, computadores em geral, televisores deveriam propiciar formas intensas de verdadeira comunicação e de contato, a fim de facilitar a relação entre os humanos e dos humanos com os outros viventes não humanos. A dependência tecnológica excessiva gera distanciamento, perda de contato e desumanização no pior sentido.

Sobretudo a partir dos anos 1960, muito tem se questionado sobre o conceito tradicional do Homem, substantivo que na modernidade passou a se referir, falocentricamente, ao gênero (masculino) e à espécie (humana). Nessa trilha aberta por diversos pensadores das diferenças (sempre plurais), o que

resta a pensar é o destino de todos os viventes, submetidos a regimes supostamente democráticos e a outros oficialmente ditatoriais. Desconheço qualquer nação inteiramente pautada pelos direitos humanos, tanto quanto pelos direitos das plantas e dos animais, que somente agora estão sendo debatidos. Nem a ONU, nem a União Europeia defende com clareza o direito universal à vida, em nome de um modo diferente de nos conduzirmos como espécie até aqui autoritariamente soberana.

Este é um texto de intervenção, sem pretensões conclusivas, mas sem dúvida o que estou tentando elaborar tem a ver com o futuro de nossas democracias, como também dos governos autoritários. Poucos conseguem perceber que está em jogo não apenas a descoberta de uma vacina ou mesmo de um medicamento capaz de nos tratar e curar da Covid-19. O que está doente não são somente os corpos orgânicos individuais, mas também ou sobretudo os corpos sociais. O coronavírus, um semivivente submicroscópico (este é seu estatuto existencial: como todo vírus, ele está *semivivo*, nem vivo, nem morto, e somente microscópios eletrônicos superpotentes conseguem visualizá-lo), realizou a façanha que nenhum pensador e/ou ativista contemporâneo conseguiu, por mais advertências que tenha lançado: impôs uma parada no ritmo alucinante de nossas sociedades hipermercadológicas e levou a uma reflexão coletiva no confinamento.

Infelizmente a reação compulsivamente violenta da extrema-direita e a politização eleitoreira da grande maioria dos governantes não permitem que o verdadeiro debate se estabeleça. Permanecemos aferrados à ideia da cura física, sem cuidarmos da *pandemia civilizatória*, ligada de forma complexa ao que se chama de advento do antropoceno, ou seja, o momento em que o humano teria deixado sua marca indelével no globo. Jamais defenderei nenhum movimento anticivilizatório, o qual teria tudo

para redundar numa nova barbárie. Porém defendo apaixonadamente o que chamei no testemunho para a *Piauí de ponto de virada*. Ou seja, é preciso compreender que estamos numa situação-limite, a qual exige uma mudança radical em nossos (maus) hábitos. Aprender com outras culturas de matrizes africanas e ameríndias já seria um passo para frear a compulsão destrutiva do capitalismo hipertecnológico, que há muitas décadas deixou de ser exclusivamente ocidental. E nisso, a própria tecnologia pode disponibilizar inúmeros dados e instrumentos para reverter o processo de *contaminação social crônica*, que é o verdadeiro mal que nos atinge neste momento, neste planeta.

Uma frase forte, mas que cai como uma luva em nossa situação específica: a *psicopatia* do despresidente apenas reflete a *sócio-apatia* do Brasil. Uma sócio-apatia que aceita os piores horrores, com imobilismo covarde: genocídio indígena e das populações negras ou mestiças pobres, misoginia, homofobia,

precarização geral das condições de trabalho, holocausto vegetal da Amazônia e do que restou da Mata Atlântica, destruição sistemática do sistema educacional e da cultura em todos os seus níveis (popular, erudito, universitário e outros), terra arrasada por monoculturas de dependência econômica etc., etc. De qualquer ângulo que se observe, a situação é de tragédia nacional em curso, um verdadeiro *work in progress* em sentido negativo, se isso é possível...

Especialistas em diversos países procuram desesperadamente um fármaco (*phármakon*: remédio e veneno, "droga") para a moléstia, esquecendo que a palavra vírus significa etimologicamente "veneno, peçonha". O antídoto depende tanto da capacidade de contra-atacar a estrutura viral causadora da Covid-19, quanto de combater o outro potente vírus que ameaça a sobrevivência de todas as espécies:

a tendência humana a colonizar e devastar todo o planeta, ao custo do próprio sacrifício humano, junto ao sacrifício vegetal e animal.

Não deixa de ser curioso que um vírus nomeado como "coroa", por ter um formato semelhante ao adereço real, tenha atacado frontalmente a pretensa soberania da humanidade. Colocou-nos de joelhos entre quatro paredes, numa rapidez estonteante e sem prazo para acabar. Provou com isso que os humanos não são o centro da Criação, a não ser nas mitologias religiosas, sobretudo as monoteístas - uma delas chegou a inventar a fantasia de um Homem-Deus...

O que nos falta é a capacidade de amar o outro em sua radical diferença. A começar pelo amor de si como outro, pois o "eu" nunca é senhor absoluto de nada. Nomeio *narcisismo de vida* o amor de si como outro; essa é uma antiga categoria de André Green, que reinterpreto positivamente a meu modo. Em vez disso, vigora atualmente o *narcisismo de morte*, incapaz de amar a si próprio como outro, nem aos outros humanos e não humanos em sua diferença fundamental. *Selficídio* é o nome que tenho dado à propensão narcísica para a morte por incapacidade de amar, que acaba engendrando também os diversos genocídios já referidos. O necropresidente da república Jair Bolsonaro é o maior representante dessa tendência, cujo único objetivo é aniquilar as alteridades o mais rápido possível. Reavaliar nossos afetos e afeições, o modo como afetamos e nos deixamos afetar pelos outros, as afecções que contraímos ou deixamos de contrair, é a única saída para a crise planetária em que nos metemos. Noutras palavras: tornou-se urgentíssimo promover uma transvaloração geral de todos os nossos valores, reatualizando a proposta de Nietzsche no final do século XIX.

Na primeira entrevista que me concedeu, publicada na *Folha de S. Paulo* em 2001, Jacques Derrida fala na necessidade de pensarmos uma "solidariedade de todos os viventes". Não se trata



de resgatar o bordão humanista da "liberdade, igualdade, fraternidade", pois este se referia apenas ao universo humano. Hoje, ou somos capazes de inventar um *outro humanismo*, que será de forma necessária um humanismo de fato *humano*, mas também respeitoso das outras espécies, um humanismo *do outro*, portanto - ou corremos o risco de seguir "alegremente" em direção a nosso próprio fim.

Muitos viventes não humanos vegetais e animais sucumbirão junto conosco, mas muitos também decerto resistirão à devastação global, se essa vier a ocorrer. Passados anos, séculos e milênios, os sobreviventes ocuparão, felizes, as ruínas de nossas belas cidades. Já tivemos uma prévia desse porvir com as imagens que nas últimas semanas deram a volta no mundo, nas quais cabras, patos e outras espécies consideradas selvagens realizaram uma verdadeira *ocupação* (no sentido ironicamente atual do termo) de nossas pólis esvaziadas. Os céus da Itália e da China desanuviados de poluição, os canais de Veneza com águas transparentes, as trilhas, caminhos e estradas sem automóveis, levando o preço do petróleo a zerar, tudo isso nos deu lindas visões desse paraíso futuro, como já foi a Terra milhões de anos atrás, antes de nosso disruptivo aparecimento. Os animais e as plantas retomarão os lugares que lhes são de direito. Nada melhor do que se livrar de um invasor que se converteu num predador universalmente voraz, inclusive se autodevorando de forma brutal. Como disse o pensador, é de fato preciso comer bem.<sup>1</sup> Difícil para nós, todavia, é definir o tal "bem". Esperemos que o "grande enclausuramento" coletivo nos ensine alguma coisa.

Rio de Janeiro, 21 de abril de 2020.

---

1 Jogo de palavras com a expressão que dá título à entrevista que Jean-Luc Nancy realizou com Derrida, "'Il faut bien manger' ou le calcul du sujet", em Derrida, Jacques. *Points de suspension: entretiens*. Paris: Galilée, 1992, p. 269-301. "Il faut bien manger" tem dois significados em francês: "é preciso comer bem" e "é preciso comer de fato". A dificuldade está em coordenar os dois sentidos do "bien"...

**Evando Nascimento** é ensaísta, professor universitário e escritor. Foi aluno inscrito nos seminários de Derrida, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, nos anos 1990, quando apresentou um *exposé*. Publicou, entre outros livros de ensaio, com textos de Derrida e seu, *La solidarité des vivants et le pardon* (Ed. Hermann, 2017). Seu mais recente livro de ficção é *A desordem das inscrições* (Contracantos, Ed. 7Letras, 2019)

© Evando Nascimento, 2024